

ARTIGOS

O GÊNESIS EM DOCUMENTOS MESOPOTÂMICOS

Rúben Aguilar dos Santos, Ph.D.

Professor de Arqueologia do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
ruben.aguilar@unasp.edu.br

RESUMO: Uma das maiores descobertas arqueológicas de todos os tempos foi o achado das ruínas da antiga cidade de Nínive. Naquele sítio arqueológico, foram desenterrados, entre outros, a biblioteca do palácio do rei Ashurbanipal. Nesse lugar foram achados muitos documentos escritos contendo relatos sobre as origens, na visão mesopotâmica. O conteúdo desses relatos é muito semelhante ao encontrado no livro bíblico do Gênesis. No presente artigo, são apresentados os relatos da criação do universo, o poema do Jardim do Éden, a queda do homem e o Dilúvio. Como conclusão se assevera que os relatos mesopotâmicos, como os semelhantes de outras culturas, tiveram uma origem única e comum.

Palavras-chave: Criação, Gênesis, jardim do Éden, queda do homem, Dilúvio.

The Genesis in the Mesopotamian Documents

ABSTRACT: One of the most important archeological discoveries was the finding of the remains of the ancient city of Ninive. In that archeological site, were uncovered, among others things, the library of king *Ashurbanipal*'s palace. In that place, were found many documents with stories related to the origins, from a Mesopotamian point of view. The contents of these stories are very closely related to the Biblical Genesis. In this present article the Biblical and Mesopotamian stories of the creation of the universe, the poem of the garden of Eden, the fall of man, and the Flood are presented. The conclusion of this work is that the mesopotamian accounts, related to the biblical Genesis, have an unique and the same time common origin with the biblical material.

KEYWORDS: Creation, Genesis, Garden of Eden, fall of man, Flood

INTRODUÇÃO

O conhecimento dos costumes e, sobretudo do pensamento filosófico religioso das antigas nações mesopotâmicas, tem sido incrementado com a contribuição proporcionada pelas escavações arqueológicas realizadas nessa região. Neste sentido, uma das maiores contribuições para se conhecer o pensamento cosmológico ou das origens, dos antigos mesopotâmicos, é sem dúvida o achado de documentos escritos, na biblioteca do rei Ashurbanipal, nas ruínas da cidade de Nínive.

1. A CIDADE QUE GUARDAVA OS SEGREDOS

Não é fácil determinar qual é a maior descoberta arqueológica, de todos os tempos. Cada descoberta tem seu valor pela contribuição que presta ao conhecimento histórico e social dos povos antigos. Mas, sem dúvida, uma dessas notáveis contribuições, foi a descoberta das ruínas da cidade de Nínive. Esse fato foi o resultado do persistente trabalho de vários pesquisadores que ao longo de décadas, dedicaram esforços e talentos, em procura de informação sobre a vida e pensamento dos antigos habitantes das nações antigas.

A descoberta das ruínas de Nínive contou com a participação e o trabalho de Claudius Rish, o qual em 1820 realizou um estudo sobre o relevo da região compreendida entre os rios Tigris e Eufrates, conhecida com o nome de Mesopotâmia. Esse pesquisador registrou, na sua



obra, a existência de duas colinas, na porção norte do rio Tigris, na outra margem e em frente da atual cidade de Mossul. Uma das colinas é conhecida com o nome de Kuyjundik, e a outra, com o nome de Nebbi Junus. Esta última, segundo Rish, era considerada pelos moradores da região, como cenário da história do profeta Jonas.

Com base nas informações deixadas por Claudius Rish, em 1842, Paul Emile Botta, que na ocasião exercia as funções de cônsul da França na cidade de Mossul, começou a realizar escavações na colina Kuyjundik. Os resultados do seu trabalho não foram promissores, por isso abandonou essa tarefa, para prosseguir escavando mais ao norte, na colina denominada Korsabad, onde alguns anos depois, encontrou os vestígios do palácio do rei assírio Sargão II.

A partir de 1845, as escavações na colina Kuyjundik prosseguiram, desta vez sob a direção do pesquisador inglês Austen Henry Layard. Mais afortunado que o anterior, Layard encontrou os vestígios de uma cidade soterrada nessa colina. Em 1849, foi descoberto o palácio do rei Senaqueribe; logo depois um documento importantíssimo para confirmar a história bíblica, o prisma de Senaqueribe, que relata o cerco de Jerusalém, na época do rei Ezequias. Assim, ninguém mais podia duvidar que aquelas ruínas eram da antiga cidade de Nínive. Porém o achado mais notável foi uma realização de Ormuz Rasham, assistente de Layard, o qual em 1850 deixou ao descoberto as ruínas do palácio do rei Ashurbanipal (669 a 627a.C.), e em 1852, a biblioteca construída por esse rei, com aproximadamente 18 mil documentos escritos em cuneiforme.

A descoberta das ruínas, objetos e documentos encontrados em Nínive, despertou grande interesse de instituições européias. Os documentos encontrados na biblioteca real foram, aos poucos, transportados para o Museu de Londres. Ali preservados, não assumiram seu real valor, até que em 1875, George Smith, depois de traduzir 20 “tabuinhas” de argila, pertencentes aos documentos de Nínive, deu a conhecer seu conteúdo. Tratava-se dos relatos do Dilúvio e da Criação, na visão dos antigos mesopotâmicos. No entanto, os relatos não estavam completos.

George Smith, após sua impressionante descoberta, comunicou o fato ao jornal inglês *Daily Telegraph*. A direção desse jornal, interessada no assunto, ofereceu uma recompensa de mil libras esterlinas para quem encontrasse o restante dos relatos. O agraciado foi o próprio Smith, quem, um ano mais tarde, em 1876, publicou um livro: *The Caldean Account of Geneses*, em que expõe a tradução dos relatos.

A divulgação do conteúdo dos documentos de Nínive despertou maior interesse em acadêmicos de outras nacionalidades. Nos anos seguintes, outros autores, versados na escrita cuneiforme, realizaram suas próprias traduções. Em 1890, Peter Jensen publicou em alemão, seu trabalho, sob o título *Cosmologia da Babilônia*. Em 1895, vem a luz, a publicação de outra versão em alemão de Heinrich Zimmerm. Anos mais tarde, em 1900, novamente P. Jensen é destaque ao publicar seu livro *Mitos e Epopéias Mesopotâmicos*. Em 1902, o americano L. W. King publica sua versão sob o título *As Sete Tabuinhas da Criação*.

2. A CRIAÇÃO DO UNIVERSO NA VISÃO MESOPOTÂMICA

As primeiras palavras do relato da Criação, encontrado entre os documentos da biblioteca real de Nínive, são *Enuma Elish*, “Quando lá no ...”. Essas palavras servem para titular o conteúdo do próprio relato, conforme o costume antigo. O conteúdo encontra-se escrito em sete “tabuinhas” de argila, distribuído em partes. Na primeira “tabuinha” é relatado o Caos primitivo; na segunda, o aparecimento da Luz; na terceira, a criação do Firmamento; na quarta, surge a Terra seca; na quinta, são criados os Luminares do céu; na sexta, a criação do Homem; e na sétima, é relatado o repouso da Divindade.

O conteúdo do relato sobre a Criação, na visão mesopotâmica, pode-se resumir da seguinte maneira. No princípio existiam: Apsú, deus das águas frescas e Tiamat, a deusa das águas salgadas. Os dois criam vários deuses, os quais geram desordem e caos. Devido a essa situação, Apsú decide destruir todos os deuses. O deus Ea, conhecedor do plano, mata o deus Apsú. A deusa Tiamat, cria outros deuses para constituir um exército comandado pelo deus Kingú, e vingar a morte de Apsú. Por sua vez o deus Ea, organiza outro exército e constitui ao deus Marduk, comandante do mesmo. As primeiras batalhas são favoráveis a Kingú; mas logo é derrotado. A deusa Tiamat é dividida em duas partes; da porção superior, Marduk cria os céus, sol, lua e estrelas; e da porção inferior, a terra. Kingú é degolado e seu sangue é misturado com barro para formar o Homem.



Outras pesquisas arqueológicas realizadas posteriormente, permitiram o descobrimento de outra versão mesopotâmica sobre a Criação. Essa versão é relatada sob o título de Athrahasis. Até o ano de 1965, só se conhecia uma quinta parte do relato; mas, escavações realizadas nas ruínas de Ashur, Nippur, Babilônia, e Bogashkoy (na Ásia Menor), permitiram recuperar quase a totalidade do conteúdo. Em essência os relatos são semelhantes e as diferenças em nada desvirtuam o conteúdo.

3. O JARDIM DO ÉDEN E O MITO DE ADAPA

Pesquisas históricas e análise de documentos arqueológicos apontam para claras evidências de que os antigos sumerianos, pessoas que habitavam a região sul da Mesopotâmia, tinham conhecimento de um lugar com as características do jardim do Éden, como descrito no livro bíblico de Gênesis. Essa asseveração é fortemente confirmada na existência de uma fonte literária, conhecida como “Epopéia de Emerkar”, em que aparece a descrição do “jardim dos deuses” ou “Terra de Dilmun”.

Autores que analisam o texto, reconhecendo as dificuldades de recuperação do conteúdo e de tradução do mesmo, concordam que esse relato mitológico não está completo. Porém, especialistas no assunto afirmam que se trata de um poema que procura descrever a queda do primeiro homem; e nessa tentativa, o poema épico relata claramente o ambiente original. O relato dá a entender que Enki, deus das águas, por uma razão difícil de se estabelecer, ficou zangado com o Homem, e pronunciou em forma de maldição, o surgimento de doenças e a própria morte.

Uma das “tabuinhas” que contém o texto sumeriano apresenta as seguintes frases do relato mitológico:

Em Dilmun, o Jardim dos deuses.
Aquele lugar era puro, aquele lugar era limpo,
O leão não caçava sua presa.
O lobo não roubava as ovelhas.
O cão não incomodava às crianças em repouso,
As aves não esqueciam seus filhotes
As pombas não eram postas a voar
Ali não havia doença nem dor...

Na seqüência do relato, a próxima “tabuinha”, descreve o surgimento da doença e morte no ambiente da “Terra de Dilmun”.

Sobre a “queda” do homem, existe outro relato mesopotâmico conhecido sob o título “Mito de Adapa”. O conteúdo desse relato encontra-se em quatro fragmentos babilônicos, dos quais, três pertenciam à biblioteca de Ashurbanipal e o quarto pertencia aos arquivos do faraó Amenhotep IV ou Akhenaten, que foram achados nas ruínas de Tell el Amarna, no Egito.

A versão mitológica sobre a queda do homem, encontra-se escrita na forma de poema, e pode ser resumida da seguinte forma: Adapa era um ser semideus, e exercia o cargo de sacerdote do deus Ea, em Eridu. O relato destaca sua sabedoria, e sua atividade como pescador. Certo dia, o vento sul provoca o naufrágio da embarcação de Adapa. Este, irado por esse fato, quebra as asas do vento e por sete dias não há nenhuma brisa. Devido ao calor excessivo, Anu, deus dos céus, manda chamar Adapa. O protetor de Adapa, o deus Ea, adverte seu protegido para evitar comer ou beber qualquer coisa que o deus Anu lhe apresentar. Durante o encontro, Adapa, fiel ao conselho do seu protetor, rejeita a comida e bebida que lhe é oferecida. Mais tarde, descobre que essa comida e bebida tinham o atributo de prover a vida eterna.

4. CASCATAS NO DILÚVIO

Entre os documentos encontrados nas ruínas da biblioteca de Ashurbanipal, e que foram traduzidos por George Smith, estavam textos que relatavam o dilúvio na versão mesopotâmica. O conteúdo desse relato, escrito em doze “tabuinhas” de argila, é conhecido como “Epopéia de Gilgamesh”.

Cópias dessa versão foram encontradas nas ruínas de cidades antigas como Ugarit, Bogashkoi e Megido; as quais confirmam a idéia de que esse relato era amplamente divulgado entre as populações do passado.



O relato, depois de descrever o cenário onde se desenvolve a história mítica, dá a conhecer a morte do deus Enkidu, protetor de Gilgamesh. Sem a proteção divina, Gilgamesh é acometido de intenso medo diante da possibilidade da morte, e dessa maneira inicia uma viagem em busca da imortalidade. Atravessa o perigoso “grande mar”, com o auxílio do monstro Siduri e, vence as dificuldades encontradas no “mar da morte”. Finalmente chega ao seu destino previamente fixado; a região onde mora Utnapistim, o ser que encontrou a imortalidade e tem lugar garantido na assembléia dos deuses.

Gilgamesh, desejoso de saber como é que Utnapistim encontrou a imortalidade, ouve com atenção o relato proferido por este último. Devido ao barulho produzido pelos homens, os deuses decidiram terminar com a humanidade. O deus Ea, dá a conhecer a Utnapistim a decisão tomada pelos deuses e aconselha construir uma embarcação com 30 mil cestos. Segue uma longa descrição das medidas da embarcação e seus compartimentos, e ali devem ser colocadas espécies de animais. Logo sobreveio uma intensa chuva com “cascatas” que causaram temor entre os deuses. Estes, acometidos de pavor, fogem ao céu de Anu com gritos como de cães feridos, e a deusa Ahstar, emite um grito doído semelhante à mulher em parto.

Terminada a chuva torrencial, Utnapistim aguarda que as águas baixem e após sete dias envia uma pomba, logo uma andorinha e finalmente um corvo que volta com um pequeno galho no bico. Então, era o momento de sair da embarcação. Utnapistim levanta um altar e oferece sacrifícios aos deuses. O cheiro das ofertas queimadas atrai os deuses que acodem como “moscas”. O deus Enlil, furioso indaga a razão de Utnapistim ter ficado vivo. O deus Ea, saindo em defesa de Utnapistim, explica as vantagens de um ser que ofereça sacrifícios aos deuses. Então, é declarada a sua condição de imortalidade e de participar na assembléia dos deuses.

CONCLUSÃO

A análise dos documentos arqueológicos encontrados nas ruínas de cidades do Antigo Oriente Médio, nos permite chegar às seguintes conclusões:

(a) Os relatos sobre as origens, encontrados em documentos procedentes das ruínas de cidades mesopotâmicas, são mais outros exemplos da extensa quantidade de relatos mitológicos semelhantes, existentes no pensamento filosófico-religioso de outras culturas.

(b) Os relatos sobre as origens, registrados em “tabuinhas” de argila, os quais são cronologicamente localizados em períodos posteriores, confirmam que seu conteúdo é de procedência anterior ou de um tempo primordial. Dessa maneira expressam as crenças que os membros dessa cultura manifestavam em relação às origens.

(c) O conteúdo desses relatos mostra notória semelhança e também diferença com os relatos encontrados na Bíblia, com uma particularidade: a essência é a mesma.

(d) Sendo essencialmente iguais, cabe afirmar que os relatos bíblicos e os de outras culturas eram os mesmos nos primórdios da civilização.

(e) Os relatos começaram a variar no seu conteúdo à medida que surgiam novas gerações, contando para isso unicamente com o recurso da transmissão oral.

(f) As diferenças mais marcantes ocorreram quando se constituíram grupos sociais organizados em ambientes diversos, os quais adaptaram esses relatos à realidade político social e religiosa de cada cultura.

BIBLIOGRAFIA

GRAY, John. **Archaeology and the Old Testament World**, Harper and Row Publishers
New York and Evanston, 1962.

HEIDEL, Alexander. **The Gilgamesh Epic**, The University of Chicago Press,
Chicago, 1963.

LA SOR, William Sanford. **Old Testament Survey**, William B. Eerdmans Publishing
Company, Grand Rapids, Michigan, 1983.

PRICE, Ira Maurice e outros. **The Monuments and the Old Testament**, The Judson Press,
Philadelphia, 1965.



PRITCHARD, James B. ed. **The Ancient Near East. A New Anthology of Texts and Pictures**, Vol. II, Princeton University Press, 1975.

SODEN, Wolfram von. **The Ancient Orient**, William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, 1994.